

Assim como vários dos pensadores brasileiros e latino-americanos, mencionados acima, já exortaram, o movimento evangélico, e particularmente o pentecostalismo, é advertido a avaliar criticamente as experiências contextuais e espirituais à luz das Escrituras, de forma que Jesus Cristo seja honrado.

CONTEXTUALIZAÇÃO E TRADIÇÃO NA IGREJA PÓS-MODERNA

Luiz A. T. Sayão*

1. A TRADIÇÃO CRISTÃ

O cristianismo é uma religião essencialmente histórica. Portanto, um dos termos necessariamente mais preciosos para a fé cristã é a palavra “tradição”. No contexto judaico o termo já era utilizado no sentido bastante positivo significando “o saber e os ritos da fé acumulados na experiência histórico-religiosa do povo de Deus”. Como religião, o cristianismo, no sentido sociológico, nasce dentro do contexto judaico. Surge como elemento crítico do “tradicionalismo” irrefletido e incoerente de certos grupos judaicos (Mt 15:6; Mc 7:8), mas desenvolve sua própria tradição. Por essa razão, o termo grego *paradosis*, “tradição”, é usado duas vezes no sentido positivo no Novo Testamento, referindo-se à “tradição cristã”.¹ Os textos (NVI) dizem:

Portanto, irmãos, permaneçam firmes e apeguem-se às tradições que lhes foram ensinadas, quer de viva voz, quer por carta nossa (2 Ts 2:15).

Irmãos, em nome do nosso Senhor Jesus Cristo nós lhes ordenamos que se afastem de todo irmão que vive ociosamente e não conforme a tradição que vocês receberam de nós (2 Ts 3:6).

* Luiz Alberto Teixeira Sayão, Mestre em Linguística (Hebraico) pela USP, é professor de Hebraico e de Antigo Testamento no Seminário Teológico Servo de Cristo, em São Paulo (SP). Foi coordenador da Nova Versão Internacional da Bíblia (NVI) e é atualmente editor acadêmico de Edições Vida Nova.

¹ Merece atenção o fato de que o termo é usado desse modo em 2 Tessalonicenses, que deve ser datada no ano 51 A.D., durante a 2ª viagem missionária de Paulo. É praticamente certo que a epístola foi escrita em Corinto, logo depois da fundação da igreja de Tessalônica. Isso mostra que o termo foi usado no sentido positivo de “ensino cristão” bem cedo na igreja primitiva.

A partir dessas referências, fica claro que desde os primórdios o cristianismo desenvolveu sua própria tradição, o que posteriormente trouxe o conceito de “ortodoxia doutrinária”, ou seja, o ensino de acordo com o Senhor Jesus e os apóstolos. Nesse sentido, o cristianismo mostra-se *sempre conservador*, preservando fidelidade às origens. Praticamente não há nenhuma tradição cristã eclesial ou teológica que não evoque autoridade e legitimidade a partir da “tradição” ligada, de alguma forma, às origens.

Assim, desenvolve-se na fé cristã histórica uma rejeição e uma crítica das “tradições” que destoam ou desviam-se da ortodoxia do cristianismo (Cl 2:8; 1 Pe 1:18). Esse é um dos critérios de determinação da heresia.

Por outro lado, o cristianismo surge em parte como um movimento que rompe com tradições religiosas e traz escândalo. Além disso, a fé cristã apresenta uma flexibilidade de posturas tão nítida que ainda hoje confunde estudiosos fundamentalistas, racionalistas e liberais, que muitas vezes exigem do texto bíblico uma isonomia maior do que ele promete. Alguns fatos comprovam essa flexibilidade:

1. O cristianismo do Novo Testamento abre os braços para os grupos sociais e religiosos rejeitados e excluídos do judaísmo tradicional, como publicanos, prostitutas, eunucos, gentios, samaritanos, mulheres, pobres.²

2. Paulo apresenta uma diversidade de abordagens em sua obra missionária. Em Atenas ele é muito diferente do Paulo de Tessalônica (ambos em Atos 17). Ele de fato é “judeu para os judeus” e “sem lei para quem não está debaixo da lei” (1 Co 9:19-22).

3. A adaptação de Paulo a novas situações é surpreendente. Em Éfeso (At 19:8-10), onde teve seu ministério mais longo, ele deixa a sinagoga e “abre uma igreja numa escola” com facilidade muitas vezes rara atualmente.

Portanto, o cristianismo traz consigo uma tensão de forças: por um lado é essencialmente “conservador”, apelando para as tradições originais como fonte de legitimidade; por outro lado, é “liberal”, rompendo com determinadas tradições religiosas estabelecidas. Parece que a difícil relação entre

as duas vertentes dessa tensão é o maior problema pragmático da história da igreja; de fato, é do equilíbrio entre essas duas forças que depende o crescimento saudável da igreja cristã.

2. A TRADIÇÃO PROTESTANTE EVANGÉLICA E SUAS LACUNAS

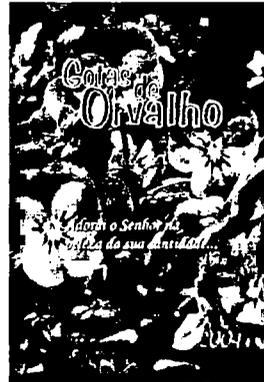
A tradição protestante evangélica clássica possui vários aspectos em sua construção histórico-teológica: em primeiro lugar, deve sua teologia fundamental aos Pais da Igreja. A teologia propriamente dita, a cristologia e a bibliologia fundamental (cânon) são heranças muito anteriores à Reforma Protestante. Não há dúvida de que o protestantismo foi um movimento de ruptura com uma tradição estabelecida, mas foi também uma busca de raízes antigas que o legitimassem. Em segundo lugar, grande parte do edifício herdado era nitidamente helênico: no arcabouço lógico e sistemático, Platão e, principalmente, Aristóteles foram as duas influências diretas ou indiretas de nossa herança teológica e espiritual. Finalmente, deve ser dito que a construção teológica dos reformadores, radicais ou não, foi principalmente soteriológica e eclesiológica. Assim, a patrologia, a filosofia grega e o contexto sócio-cultural e teológico do protestantismo do século XVI são a base da nossa tradição.

Historicamente, a tradição protestante evangélica influencia e recebe influência de vários elementos de transformação. No contexto político e econômico destacam-se o absolutismo, o colonialismo, os movimentos democráticos, a escravidão, guerras mundiais, ditaduras, socialismo, capitalismo e globalização. Filosoficamente, o impacto do racionalismo, do iluminismo, do existencialismo e do irracionalismo foi enorme. Além disso, mudanças sociais e antropológicas foram tremendas e deram novo contorno ao mundo.

O protestantismo implantado no Brasil foi basicamente de origem anglo-saxã, principalmente dos E.U.A. Historicamente, os invasores franceses e holandeses protestantes marcaram presença no Brasil colonial, sem todavia deixar continuidade histórica. Com a abertura constitucional de 1824 e a entrada de imigrantes alemães em terras brasileiras, os luteranos germânicos se estabeleceram no país. Sendo, porém, uma religião com fortes raízes étnicas, só teve influência decisiva na formação religiosa entre os imigrantes e seus descendentes. Paralelamente, os cidadãos ingleses que aqui viviam tiveram liberdade de praticar o anglicanismo, ainda que de maneira restrita. O protestantismo missionário chegou posteriormente com os congregacionais (1855),

² Destaque especial deve ser dado aos escritos de Lucas quanto a essa ênfase.

Gotas de Orvalho quer, de maneira simples e objetiva, mostrar que Deus não está distante. Para cada dia do ano uma frase especial dirigida a você.
Preço: R\$ 2,90.



Caminhar na chuva de verão é delicioso! Os primeiros pingos tocam a pele, começam a escorrer pela face... Já sinto refrigério! Depois, mais intensa, a chuva vai encharcando a roupa. O corpo inteiro fica molhado. Já não existe mais calor angustiante. Voltamos a respirar... a viver!

Preço: R\$ 16,90.

os presbiterianos (1859), os metodistas (1867) e os batistas (1882).³

Tradicionalmente vistos como agentes da modernidade e de secularização quando comparados com os católicos, os protestantes, na sua maioria, se posicionaram com um sentimento de superioridade e de ruptura com a cultura brasileira comum. Trazendo uma herança puritana, uma espiritualidade pietista, uma ênfase individualista (relacionada à doutrina da salvação individual), os protestantes percebiam a latinidade e a cultura católica como marcos de atraso, pobreza e inferioridade social. O protestantismo foi marcado pela modernidade, valorizava o trabalho, a repressão das paixões, a intelectualidade produtiva e a tranquilidade econômica da posteridade.⁴ As características fundamentais do protestantismo missionário introduzido no Brasil podem ser assim resumidas:

2.1 Doutrinária.

Ênfase teológica na autoridade exclusiva da Bíblia em oposição ao magistério eclesiástico católico e à tradição; crença na salvação individual pela graça e pela fé em oposição às obras e aos sacramentos; intermediação única de Cristo entre Deus e o homem em oposição à intercessão de Maria e dos santos.

2.2 Organização e culto.

Abolição e rejeição dos ícones como referencial de culto; a centralidade da pregação; a valorização da atuação dos leigos; a introdução e idealização da cultura anglo-saxã; evangelização; negação do mundo e repressão das paixões (santificação); maior participação dos membros no culto.

Discute-se até que ponto o protestantismo missionário brasileiro representa o protestantismo clássico. Ainda que se possa discutir os detalhes da questão, deve-se admitir que em grande parte isso ocorre. Todavia, a excessiva negação do mundo, a alienação política e social e o fundamentalismo marcam uma certa distinção entre o protestantismo evangélico brasileiro e o protestantismo clássico progressista analisado por Max Weber. Não há dúvida de que o protestantismo evangélico teve sucesso na expansão missionária em terras brasileiras. A enorme extensão territorial do Brasil, associada à falta de

³ Considerando-se o início da obra batista brasileira em Salvador.

⁴ Prócoro VELASQUEZ Filho, em “Culto Protestante no Brasil: Características, Ênfases e Teologia”, Estudos da Religião 2, S. Bernardo do Campo, 1985. p. 66.

sacerdotes católicos marcou a dificuldade da Igreja Romana de cuidar de seus fiéis. Além disso, desde o início o país mostrou um catolicismo mais diversificado. Conforme observou Gilberto Freyre, os portugueses sempre tiveram um perfil de divisão de personalidade. Foi um povo acostumado com diferenças raciais e religiosas que marcaram a história da Península Ibérica. No caso do Brasil caboclo e mulato, essa flexibilidade e convivência com a contradição se tornou uma realidade presente.⁵ As idéias liberais e positivistas, presentes na elite brasileira, permitiram maior liberdade religiosa no país. Por essa razão, os protestantes começaram a evangelização com o propósito de converter os católicos à fé. Por intermédio dos colportores de Bíblias, de um culto espiritual, da proclamação de uma ética superior e da verdade, do uso dos leigos nos cultos e nas pregações, das escolas dominicais e de uma estrutura de igreja marcada pela ampla participação e comunhão entre os fiéis, o sucesso da empreitada foi grande no país. Em 1930, entre 25 milhões de brasileiros, os protestantes já atingiam cerca de 500 mil fiéis (2% da população)⁶. Esse crescimento já alcança hoje 16 % da população, isto é, mais de 26 milhões de pessoas.⁷

Diante desse quadro, torna-se necessário destacar os aspectos principais, positivos e negativos⁸, da tradição protestante no contexto brasileiro, observando-a como parte da história, como força conservadora e como força de ruptura.

⁵ Discutido por Carl HAHN em *op. cit.* "Breve Histórico dos Cultos Evangélicos no Brasil", pp. 17-18.

⁶ William R. READ. *Fermento Religioso nas Massas do Brasil*. Cristã Unida, p. 228.

⁷ Conforme o último censo do IBGE. O crescimento expressivo, porém, ocorre entre pentecostais e neopentecostais. As denominações históricas têm crescido de modo mais lento.

⁸ Avaliação principalmente sociológica.

Protestantismo evangélico implantado no Brasil		
Características gerais	Elementos positivos	Elementos negativos
<ul style="list-style-type: none"> • Bibliocentrismo • Salvação pela fé e pela graça • Exclusividade de Cristo • Influência iluminista • Aliança com o progresso • Perfil anti-católico • Centralidade da pregação • Valorização dos leigos • Evangelização • Ênfase no individual • Repressão das paixões 	<ul style="list-style-type: none"> • Crescimento rápido • Agente de modernização, de educação e progresso • Adaptação tranqüila • "Nacionalização" intensa nas últimas cinco décadas • Mensagem voltada aos "sem esperança" • Crítica moral: vícios e prostituição • Liberdade e democracia 	<ul style="list-style-type: none"> • Perfil colonialista • "Anglocentrismo" • Pragmatismo exacerbado • Individualismo • Tendência a divisões • Formação de subcultura • Carência de espiritualidade "social" • Tendência à micro-ética • Ênfase mais fundamentalista e metafísica

Como se pode observar, a tradição protestante evangélica merece críticas⁹ em seu processo de estabelecimento na realidade brasileira. Parte de sua herança histórica e de sua ineficácia de contextualização solicitam maior reflexão para o futuro. As principais lacunas presentes na coluna da direita, merecem reavaliação e serão mais urgentes diante da realidade da pós-modernidade.

3. MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE

A pós-modernidade é o movimento da cultura que rejeita os valores da modernidade e vê com desconfiança os princípios racionais, supostamente

⁹ Talvez a crítica mais dura do protestantismo histórico é a de Rubem ALVES em *Protestantismo e Repressão*. Ed. Ática, S. Paulo, 1979.

universais, desenvolvidos na época do Iluminismo.¹⁰ A filosofia irracionalista do final do século XIX prepara terreno para a pós-modernidade. A pós-modernidade propriamente dita tem origem nas primeiras décadas do século XX,¹¹ todavia o seu efeito específico varia de contexto para contexto. O fenômeno começa nas artes, inicialmente na arquitetura, e depois tem espaço ampliado na cultura geral.¹² Seu impacto maior na sociedade deve-se à influência da mídia. O cinema, a televisão e a internet são seus principais disseminadores. A verdade é que no Brasil de hoje temos pessoas pré-modernas (medievais em sua cosmovisão), modernas e pós-modernas. O fato, porém, é que o pós-modernismo tem se tornado o paradigma cultural padrão.

A compreensão da pós-modernidade depende de seu contraste com as perspectivas da modernidade.

Modernidade	Pós-modernidade
1. Naturalismo	1. Metanaturalismo
2. Humanismo	2. Desespero humanista
3. Racionalismo	3. Irracionalismo, misticismo
4. Método científico	4. Conhecimento incerto e não desejável
5. Certeza objetiva	5. Não há certeza objetiva (relativismo)
6. Progresso indefinido	6. Rejeição da idéia de progresso
7. Individualismo	7. Verdade do grupo
8. Determinismo (s)	8. Valor do existencial
9. Crítica da tradição	9. Pluralismo de tradições

A compreensão da pós-modernidade depende não apenas desses referenciais teóricos, mas também de uma série de mudanças significativas de perfil sociológico das últimas décadas. Muitas dessas mudanças são fruto da pós-modernidade, outras contribuem para delinear-las. Aqui vai uma lista delas:

¹⁰GRENZ, S., GURETZKI, D e NORDLING, C. F. *Dicionário de Teologia*. S.P.: Vida. p. 107.

¹¹GRENZ, S. *Pós-modernismo*. S.P.: Vida Nova, 1997.

¹²PHILLIPS, T. R. e OKHOLM. *Christian Apologetics in the Postmodern World*. Downers Grove: IVP, 1995.

3.1 Impacto da mídia e a globalização do mundo.

O mundo tende a um domínio da mídia e a uma uniformidade de perspectivas.

3.2 Cultura da imagem.

O raciocínio linear está em segundo plano. A verdade é a "verdade da tela"; os paradigmas da imagem são felicidade, riqueza e juventude.

3.3 Aceleração da história.

Maior conflito de gerações. Mudanças rápidas distanciam mais as gerações. Hoje a diferença entre um jovem, um adolescente e um adulto é maior.

3.4 Alienação e passividade.

A geração pictórica tende a ser passiva e carece de utopia.

3.5 Consumismo como referencial de valoração.

Consumir e usar certas etiquetas definem o valor do sujeito. Consumir é um ato místico e existencial.

3.6 Incerteza social econômica.

A economia sofre grandes abalos. A miséria é terrível; há uma crescente polarização entre dominantes e excluídos.

3.7 Envelhecimento da população.

Cresce o número de idosos; eles serão uma grande maioria na próxima década.

3.8 Família em crise.

Como herança da imoralidade sexual generalizada, as famílias têm sofrido rupturas. Há modelos variados e imprevisíveis.

3.9 Rejeição do autoritarismo.

As ditaduras caíram; rejeita-se o autoritarismo; abre-se espaço para o pluralismo de idéias. A realidade não é mais monolítica.

3.10 Misticismo desenfreado.

Com o fim do racionalismo e a falta de propostas, o misticismo surge como alternativa irracionalista imediata.

3.11 Pansexualismo e erotização.

A sexualidade nunca foi tão explorada como hoje. A busca frenética pelo sensorial e pela experiência mais intensa acelera a pansexualização e a busca pelas drogas.

3.12 Tensão entre uniformidade de perspectivas e movimentos extremistas.

Crescem movimentos extremos como reação à uniformidade delineada pela cultura dominante. Movimentos de extrema direita e de fundamentalismo religioso e social propenso à violência são exemplos disso.

3.13 Urbanização.

A população mudou drasticamente de rural para predominantemente urbana. Parte do crescimento evangélico deve-se também a esse fator. Os migrantes são mais propensos à qualquer conversão religiosa, pois estão abertos para uma nova realidade e buscam respostas.

4. PROPOSTAS FRENTE À NOVA REALIDADE

Diante desse quadro é absolutamente necessário que a igreja de hoje entenda o que está acontecendo para que seja capaz de cumprir sua missão de maneira adequada e contextualizada.¹³ Aqui vão algumas sugestões para reflexão e prática:

4.1 Reavaliação da teologia iluminista e racionalista.

Nossa herança teológica histórica¹⁴ é essa. A nossa teologia sistemática precisa interagir mais com a teologia bíblica. O texto bíblico tem riqueza suficiente para revelar a Deus e a salvação à geração atual. Falta uma reflexão teológica contemporânea contextualizada e que afirme o texto bíblico. A maioria das propostas mais recentes não tem alcançado a igreja. Essa lacuna permite a perpetuação de práticas históricas que se tornaram verdadeiras “pedras de tropeço” para a geração da pós-modernidade.¹⁵

¹³Uma das leituras mais recomendadas para entender o assunto é a obra de Paul HIEBERT. *Missiological Implications of Epistemological Shifts: Affirming Truth in a Modern/Postmodern World*. Harrisburg: Trinity Press, 1998.

¹⁴Veja Émile LEONARD. *O Protestantismo Brasileiro*. Rio de Janeiro: Juerp/ASTE, 1963.

¹⁵Além das dificuldades de lidar com os movimentos neopentecostais e outros, os evangélicos históricos enfrentam a dura tensão entre fraternidade cristã e a manutenção da identidade denominacional.

4.2 A pós-modernidade é tendência da cultura.

Não há como “combater” a pós-modernidade; trata-se do caminho da história. Uma tentativa de reproduzir o passado não trará resultados. Nenhum saudosismo poderá reverter o quadro. É preciso avançar na direção do futuro. Um ministério eficaz deve adequar-se aos novos tempos.

4.3 Pluralismo.

No passado a visão religiosa do país era praticamente monolítica. Hoje há muitas respostas oferecidas. Isso é positivo, pois há mais espaço para que a igreja evangélica apresente suas propostas de fé na sociedade. Todavia, a mente da população em geral mudou. A tendência atual é aceitar o Evangelho de modo superficial, como mais uma ajuda espiritual. Nunca houve tantas “conversões” evangélicas, mas talvez nunca foram tão superficiais. Hoje, mais do que nunca é preciso deixar claro que “ser cristão” significa mudança definida de vida. O discipulado é uma necessidade absoluta, pois a maioria das pessoas está sedenta e confusa.

4.4 Relativismo doutrinário e ético.

O indivíduo pós-moderno tem facilidade maior em viver de modo contraditório. Já não se vive sob a lógica clássica da não-contradição. Hoje é comum encontramos pessoas que dissociam a ética da experiência religiosa sem qualquer constrangimento. A definição clara da doutrina central da fé cristã e a afirmação inequívoca da ética do cristianismo é mais do que uma necessidade em nossos dias. A voz profética precisa ser ouvida.

4.5 O cognitivo numa cultura existencial.

Nossa tradição privilegia o cognitivo e o racional. Uma igreja histórica tradicional visa principalmente transmitir informações. Em muitas igrejas, é comum ouvir-se no domingo até três mensagens ou aulas voltadas para a mente. A idéia é que “quanto mais se conhece, melhor será”. Essa perspectiva é da modernidade e já apresentava problemas de eficácia anteriormente. Muitos crentes tornam-se apenas ouvintes passivos. Principalmente na cultura pós-moderna é necessário “fazer digerir” a informação dada. É importante diminuir o conteúdo semanal ministrado e enfatizar a aplicação e a prática. O ensino, mais do que nunca, precisa descer à realidade vivencial.

4.6 Arte e a apreensão indutiva.

A tradição protestante que herdamos sempre lidou com dificuldades com a questão da arte. Os primeiros calvinistas chegaram a rejeitar o uso de

instrumentos musicais no culto, temendo a idolatria.¹⁶ Por razões de tradição e de história, a maioria de nossos templos carece de estética. O que precisa ser percebido em nossa sociedade atual é que a arte é o principal meio de difusão de conteúdo. São os filmes, as novelas e as músicas populares que disseminam idéias no mundo de hoje. O problema foi que a igreja erroneamente afastou-se do mundo artístico no século XX, com receio de contaminar-se.¹⁷ Isso deixou toda expressão artística contemporânea sob o controle absolutamente secularizado. Somente nas últimas décadas, os cristãos evangélicos começaram a utilizar timidamente filmes, teatro e música popular. Além disso, deve-se considerar a apreensão dos conteúdos. Na maioria das igrejas ouve-se uma aula, muitas vezes abstrata, que compete com a mídia eletrônica colorida e trabalha o conteúdo a partir do concreto, indutivamente. A expressão artística precisa ser levada a sério pela igreja que pretende alcançar uma sociedade pós-moderna.

4.7 Expressão contemporânea, a busca do sensorial e do místico.

Qualquer pessoa que não esteja alinhada com a linguagem da mídia é “desligada” por seus ouvintes. Se os pastores e preletores não se comunicarem de modo contemporâneo não serão ouvidos pela maior parte da sociedade. A intensificação dos sentidos, aliada à cultura existencial, tem produzido uma geração frenética e motivada por estímulos sonoros e visuais. A busca do místico também está relacionada com a experiência sensorial mais intensa. É claro que não se pode permitir que esse elemento seja o condutor absoluto de nossa abordagem; todavia, devemos considerá-lo seriamente; do contrário, não conseguiremos comunicar coisa alguma. A espiritualidade e a adoração devem ser envolventes, pois, além de cativarem, respondem a uma busca espiritual e existencial profunda, que vai além de expressões racionais de conteúdo religioso.

4.8 Pluralismo e diversidade.

O pluralismo trouxe uma diversidade de “tribos” urbanas. Segue-se que teremos diversidade maior de idéias, de perfil social, de estilos musicais etc. Todo ministério contemporâneo deve procurar o seu próprio caminho, desistindo de propostas absolutas e genéricas. A evangelização deve ser contemporânea e homogênea, isto é, volada para o grupo específico que se quer

atingir. Uma igreja pode e deve trabalhar sua diversidade com cultos de estilos distintos. A diversidade é fato incontestável.

4.9 Recestruturação eclesiológica.

Algumas propostas eclesiológicas pragmáticas têm sido apresentadas nos últimos anos. Destacam-se “Igreja com Propósitos”, “Igreja em Células”, “Rede Ministerial” e “Crescimento Natural da Igreja”. Todas são úteis e aplicáveis, se devidamente adaptadas a certos contextos. O sucesso dessas propostas é relativamente simples: descentralizam o poder, enfatizam o lugar de cada um na comunidade, valorizam os dons, dão atenção aos grupos pequenos e valorizam a atuação dos leigos. A pós-modernidade enfatiza a comunidade e rejeita o autoritarismo. A flexibilização das formas é fundamental para uma sociedade que se transforma com rapidez.

4.10 Importância da cura das feridas.

A dimensão psicológica é uma das áreas de maior necessidade da igreja. Casais separados, ausência de pai, problemas sexuais e traumas de infância são realidade do cotidiano. A igreja, que também é hospital, mais do que nunca deve valorizar o aspecto terapêutico. Dificuldades nessa área quase sempre foram entendidas como falta de espiritualidade ou como problemas espirituais sérios. Todavia, essas necessidades são imensas.

¹⁶APPLEBY, D. P. *History of Church Music*. Chicago: Moody Press, 1965. p. 89.

¹⁷Conforme advertiu o apologeta Francis SCHAEFFER em seus escritos. Merecem destaque *Art in the Bible* e *How Should We Then Live*.